

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLIV



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2023

Elogio Histórico de Américo da Costa Ramalho

AIRES AUGUSTO NASCIMENTO



1. Coube-me suceder a Américo da Costa Ramalho na cadeira n.º 17 da Classe de Letras, secção de Filologia. Como tal, pertenceu-me fazer o elogio académico previsto pelos Estatutos da Academia das Ciências de Lisboa como devendo ser pronunciado pelo académico efectivo que lhe sucedesse. Fi-lo convictamente, em acto de gratidão e de respeito, ainda que já toldado pela saudade de quem nos despedíramos meses antes.

Ao chegar o momento de celebrar o centenário do nascimento do mesmo académico, professor da universidade de Coimbra, amavelmente foi-me dirigido o convite para tornar a essa evocação: se as forças não se me tivessem debilitado, teria aceitado comparecer no Salão Nobre da ACL; em acompanhamento virtual de tal evocação, propus-me aproveitar a ocasião para retomar e alargar o elogio que me fora dado pronunciar em 15 de Outubro de 2015: associo-me, assim, à evocação confiada a antigos discípulos do Mestre e a seguidores mais fiéis da obra que ele nos legou.¹

¹ Como se pode entender pelo que dizemos no corpo do texto, a versão primitiva fora escrita para Elogio Académico, na sessão solene da ACL, a 15 de Outubro de 2015, em que sucedemos a Américo da Costa Ramalho na cadeira n.º 17 da secção de Filologia da ACL, da Classe de Letras; foi revista essa redacção primitiva para sessão evocativa de A. Costa Ramalho, no centenário do seu nascimento, na Academia das Ciências de Lisboa, em 26 de Outubro de 2021; nela intervieram discípulos directos ou indirectos de Américo da Costa Ramalho, em programa coordenado por Carlos Ascenso André: foram eles, além do referido Carlos A. André, Margarida Miranda (Coimbra), João Manuel Torrão (Aveiro), Belmiro Fernandes Pereira (Aveiro-Porto), Ana Maria Sánchez Tarrío (Lisboa).

Ao longo de cinco décadas, Américo da Costa Ramalho² honrou esta Academia como sócio e dignificou-a com notório saber, em convívio grave, para bem da cultura portuguesa: cinco décadas de convívio é motivo bastante para evocá-lo como personalidade de excepção, tantos foram os contributos dados e as qualidades de inteligência e de coração que demonstrou.

Sinto-me honrado por estar no prolongamento das suas lições e por poder recordá-lo, sentindo ainda os ecos da sua voz na sala das sessões desta Academia. Revendo as suas publicações, uma vez mais me declaro rendido ao seu saber, expresso em contributos que se encadearam e se completaram em retoma e em alargamento de investigação. Foram centenas os textos que assinou ao longo dos anos: dando conta de novas investigações, formulando juízos críticos, apontando rumos a seguir. Reconheço que não serei capaz de ombrear com ele, tantas são as distâncias e as diferenças que todas elas redundam em mérito do meu antecessor. Revejo-o agora já entrado ele na glória da eternidade, depois de, entre nós, ter partilhado da fama dos “imortais” desta Academia (se é lícito trazer à colação o título com que Richelieu saudou os seus pares).³ Imortal sabia Américo da Costa Ramalho que estava destinado a sê-lo, pela fé cristã que o animava. Não se iludia com qualquer gloria ephemera, pois tinha consciência de que até os heróis têm fragilidades que o próprio Aquiles experimentou, apesar de filho de deusa; a Costa Ramalho não lhe escapava, aliás, que de qualquer esquina podia surgir algum Heróstrato, mesmo anónimo e ignoto, para pegar fogo ao templo que, com cuidado e rigor, ele próprio ia erguendo ao longo da vida de erudito e de homem de ciência.⁴

² Em nome composto fez questão Américo da Costa Ramalho de ser identificado; eram tempos em que um sindicalista conhecido pelo último apelido parecia disputar-lhe a referência: ele reivindicou ambos os apelidos, com o direito que lhe assistia e que a vulgarização, mesmo que académica, da “Ramalhal figura”, de Eça de Queirós, não era suficientemente identificadora nem respeitadora da sua personalidade.

³ Se entendemos bem, os académicos reviam-se na divisa “Ad immortalitatem” que figurava no selo da Academia e que na origem se applicava directamente à língua francesa e não aos académicos, que apenas ganhavam o título de “inamovíveis”, excepto por razões graves.

⁴ Segundo os Antigos (Estrabão, Geografia, Liv. XIV, Cap. 1, p. 22, a partir de Teopompo), no ano de 356 a.C., um simples pastor do campo pegou fogo ao templo de Artemisa, uma das maravilhas da antiga Grécia e orgulho da cidade de Éfeso; o autor do incêndio, Heróstrato, terá sido motivado pela insanidade de alcançar fama que perdesse pelos tempos fora; por sua parte, os cidadãos de Éfeso em vingança, promulgaram um decreto que determinava pena de morte para quem ousasse referir o nome do incendiário, numa tentativa de o deixarem esquecido: Sartre, com ironia, pergunta pelo autor da construção que ninguém se importou de guardar; ironias da nossa história!

Em seu louvor, acentuarei o que ele não esquecia: os templos verdadeiros não são de barro ou de metal, mas forjam-se no interior da alma. Por isso, com plena convicção, ao dar entrada na Assembleia Nacional e ao ser inquirido sobre a sua ideologia, respondeu por seu próprio punho que era “católico” e, para que não sobrassem dúvidas, em sua abonação, esclarecia que era “presidente da secção local da Acção Católica”.

Quanto a mim, não tenho nem os pulmões de Costa Ramalho nem o desassombro dele para enfrentar sequer o efeito da sala que se me alarga na frente: seja-me relevado qualquer ruído que, a pesar meu, perpassasse na celebração, mas a memória de todos os presentes servir-me-á de contratestemunho para corrigir o que eventualmente me saia de mão insegura e de voz menos timbrada.

Também não pertenci ao grupo restrito dos seus discípulos directos, mas nem por isso renuncio a apresentar-me como testemunha do seu ensino universitário, que bastas vezes me proporcionou quer por escrito quer de viva voz em lugares menos frequentados, mesmo fora do enquadramento das águas do Mondego: a sua voz ecoava na sala, bem timbrada, como bronze que ressoava sem se cansar, tão sonora que se podia reconhecer mesmo fora, vencendo algum ruído intempestivo; lembrava ele que, mesmo o ruído estridente das cigarras dava encanto à cadência dos diálogos antigos, pois como se lê no Fedro (259a-d), eram companhia que acompanhavam Sócrates nas deambulações pelas margens do Ilisso e suscitavam outra dimensão, a de chegar até às Musas que no canto das cigarras recolhiam notícias da terra nas moradas superiores onde habitam.⁵

Evocando a figura de A. Costa Ramalho (em memória que é minha e é de muitos, a tal ponto que posso tomá-la como comum), revejo-o na sua vigilância atenta à defesa das línguas clássicas e da língua materna, em zelo solícito (que bem poderia qualificar de furor sacer) por manter a chama das Belas Letras, litterae humaniores, na língua e na cultura portuguesa, continuadora das Humanidades antigas. Revia-se ele em figuras antigas, fossem elas Aristófanes ou Terêncio; com este podia proclamar com *παρρησία*, que

⁵ Se isto recordo é porque esse passo o lembrou A. Costa Ramalho certa vez em sessão da Associação de Estudos Clássicos a que ele presidia e para a qual eu fora convidado também a falar.

era arrojo e brio: homo sum, humani nil a me alienum puto; no arrojo de quem recolhia saberes antigos⁶, sabia remontar a Protágoras de Abdera para lembrar que “o homem é a medida de todas as coisas — πάντων χρημάτων μέτρον ἔστιν ἄνθρωπος” e por isso ia ao tesouro dos tempos retomar as lições mais convenientes para a construção da história perene. Com saber que se ia renovando, Américo da Costa Ramalho construiu, como Horácio, um *monumentum aere perennius* através de estudos que se oferecem a quem os souber ler como auctoritates que marcam os nossos caminhos.

Junto dele, com a voz dos tempos, sinto-me protegido e acarinhado porque me posso resguardar no velho prolóquio de *nani gigantum humeris insidentes*, que, em boa hora, repetia Bernardo de Chartres (a quem João de Salisbúria o atribuiu⁷), mas andava na pena de outros antes dele, com cintilações que sobem até Quintiliano⁸: como vem da sabedoria dos tempos, deixaremos para juízo dos vindouros o que vamos edificando, resguardados pela *paidéia* daqueles que nos precederam e honramos na memória que deles retemos.

2. Américo da Costa Ramalho, nascido em Almeida a 12 de Outubro de 1921, licenciou-se em Filologia Clássica na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 1945, e cedo tomou o gosto das disciplinas de Minerva; de forma diligente, aproveitou as oportunidades que se lhe depararam para as aprofundar com mestres nacionais e estrangeiros: nos bancos da Universidade foi colega de outros que honraram também esta Academia das Ciências, como foram José Vitorino de Pina Martins e Eduardo Lourenço; finda a

⁶ A doutrina da parrésia vem da retórica antiga veio a domínio público quando foi explanada por M. Foucault: ao *parrhesiastes* não basta ser sincero nem apenas justo, pois impõe-se dizer a verdade e demonstrar as razões que subjazem à vida colectiva organizada e sustentada; esta requer documentação e experiência demonstrada (*evidencial experience*) com empenhamento vivido; cf. Michel Foucault, *Discorso e verità nella Grecia antica*, trad. it. de A. Galeotti, Donzelli editore, Roma, 1996 (o original remonta a seis conferências *Discourse and Truth: the Problematization of Parrhesia*, conferências pronunciadas por Michel Foucault na Universidade de Califórnia, em Berkeley, Outubro-Novembro de 1983).

⁷ Edouard Jeuneau, “«Nani gigantum humeris insidentes»: Essai d’interprétation de Bernard de Chartres, Vivarium, 5 (1), 1967, 79-99.

⁸ Cf. Hubert Silvestre, “«Quanto iuniores, tanto perspicaciores». Antécédents à la Querelle des anciens et des modernes”, in *Recueil commémoratif du x^e anniversaire de la Faculté de philosophie et lettres* [de l’Université Lovanium, de Léopoldville – Kinshasa], Louvain-Paris, 1967, 231-255.

licenciatura com brilhantismo, em idade matutina, aceitou o convite para Assistente de ensino universitário na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1945–1947), mas depressa se apercebeu de que o mundo lhe oferecia mais do que podia colher dentro das fronteiras pátrias; os horizontes, que eram descompressão do pós-guerra, consentiam ousadias contidas durante anos sombrios⁹: com o apoio e parecer do Prof. José Simões Neves, da Universidade de Lisboa, Costa Ramalho rumou ao Reino Unido com bolsa de estudos do IAC (Instituto de Alta Cultura) nos anos de 1947–1949.

O ensino nas Universidades britânicas tinha o privilégio de, por entre os silvos das bombas que deflagravam e caíam no solo, acolher mestres insígnies que para ali haviam fugido às inclemências da fúria nazi. Costa Ramalho fez questão de se inscrever nas lições de mestres na Universidade de Oxford para aprofundar as subtilezas das línguas clássicas que ele frequentara na Universidade de Coimbra; três figuras eminentes sobressaíam e delas se aproximou Costa Ramalho: chamavam-se elas Eduard Fraenkel, E. R. Dodds, J. D. Denniston.

E. Fraenkel¹⁰, que, por motivos racistas, fora impedido de ensinar na Alemanha e por isso emigrara em 1934 para Inglaterra, teve a seu cargo a cátedra de Latim no Corpus Christi College: manteve-a até 1951, ano em que, por limite de idade regulamentar, se preparava para se retirar das lides universitárias; previdentes, porém, as autoridades académicas haviam-se antecipado a autorizá-lo a continuar o ensino através de cursos de doutoramento em *Litterae Humaniores*, sem perder os privilégios correspondentes; precisamente em 1950, através de uma edição comentada de Agamemnon, era-lhe reconhecido o título de especialista em Ésquilo¹¹.

Por sua parte, Eric Robertson Dodds, de origem irlandesa (factor que inicialmente lhe concitou antipatias em Oxford), gozava de amizades directas

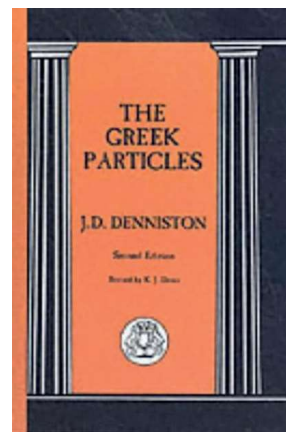
⁹ Com as suas capacidades intelectuais, Costa Ramalho, ganhou amizades e reputação pelo que não tardou a ser convidado a prestar colaboração na secção portuguesa da BBC, que lhe proporcionava proventos que acrescentava aos da Bolsa de Estudos do IAC.

¹⁰ Cf. Américo da Costa Ramalho, em recensão ao elogio feito por Gordon Williams, “Eduard Fraenkel (1888–1970)”, em *Proceedings of the British Academy*, vol. LVI, Londres, pp. 415–442, apresenta algumas notas de índole pessoal aos aplausos recebidos na Academia Britânica pelo seu sucessor, após o falecimento de Fraenkel, em *Humanitas*, pp. 21–22, 1969–1970, pp. 459–461.

¹¹ Agamemnon, 3 vols., Oxford University Press, 1950.

com individualidades tão cimeiras como T. S. Eliot e James Joyce e acabaria por ficar conhecido por obras que ainda hoje fazem parte das leituras de todos os que desejam perscrutar os segredos da alma grega e procuram entender a cultura clássica de tempos conturbados e recolher a mensagem que convém a tempos sombrios.¹²

De John Dewar Denniston testemunha A. Costa Ramalho que “era um grande Mestre e um bom Amigo e, de todos os meus conhecimentos ingleses, aquele que mais contribuiu para tornar simpática a minha estadia em Inglaterra e me deixar do carácter inglês uma impressão indelevelmente favorável. Era um amigo discreto, tão afável, tão encorajador, tão delicado sem pretensiosismo — um verdadeiro “gentleman»”¹³; anos depois, em nota sobre “A obra póstuma do Doutor J. D. Denniston”, Costa Ramalho volta a lembrar que “Denniston era um dos maiores helenistas do século”¹⁴. Tão próximo se tornara o convívio de ambos que dele anota com saudade a seu respeito: uma inesquecível “manhã de Maio de 1949, Mrs. Page, esposa do então Regius Professor of Greek, na Universidade de Cambridge”, “veio a nossa casa, para nos dar, a mim e a minha mulher, da parte de Mrs. Denniston, a triste notícia de que o Dr. Denniston falecera”.



Denniston tornara-se célebre por um inesquecível estudo sobre *As Partículas Gregas/The Greek Particles*, que, na 2.^a edição de 1954, foi considerado pela crítica especializada uma “really great work of scholarship”. Para os profanos poderia parecer estudo de extensão demasiada para um problema de textologia grega (as partículas gregas), mas o mundo académico soube

¹² Entre as obras de Dodds salientem-se *The Greeks and the Irrational* (1951), em que analisa o tempo cultural dos Gregos até Platão, e *Christians and pagans in an Age of Anxiety* (1965), onde prolonga essa análise pelo tempo que vai de Marco Aurélio até Constantino Magno; de relevo também a monografia *The Ancient Concept of Progress and Other Essays on Greek Literature and Belief* onde analisa temas que se tornaram clássicos sobre o tempo, a noção de progresso e as crenças gregas que desencadearam ensaios de outros investigadores. Ao professor oxoniano dedicou uma nota de saudade Maria Helena da Rocha Pereira, *Humanitas*, 31-32, 1979-1980, 284-285.

¹³ Cf. *Humanitas*, 4, 1952, xl-l.

¹⁴ Cf. *Humanitas*, 9-10, 1957-1958, 212.

reconhecê-lo e apreciá-lo como trabalho cimeiro e insuperável das subtilezas da língua grega: não se limitava a ser mais um trabalho erudito, pois, na mole das suas 600 páginas de análise, tornava-se um instrumento imprescindível para perceber matizes do pensamento helénico — tão subtil que nem sempre se entrega directamente no léxico maior, porque a exposição discursiva torna-se mais perceptível através da marcha da frase em que as partículas revelam o encadeamento do discurso, num processo que se recorte em meandros que não se podem escamotear.

J. D. Denniston aceitara orientar A. Costa Ramalho na dissertação de doutoramento, mas, infelizmente, por saúde debilitada, não pôde já ler a versão que o discípulo iria apresentar e defender, em 1952, na Universidade de Coimbra.

Américo da Costa Ramalho estudava aspecto particular do léxico da comédia aristofânica: “os termos compostos como recurso típico da língua grega”, salientado por Aristóteles na *Retórica*; o título era *Διπλᾶ ὀνόματα no estilo de Aristófanes*, ou seja, *Os Nomes Compostos em Aristófanes, como Característica de um Estilo*; foi esse estudo saudado como obra de referência e o seu autor não deixou de sublinhar que alguns estudiosos do comediógrafo grego aproveitaram dos dados por ele trabalhados¹⁵.

3. Após o doutoramento, A. Costa Ramalho rapidamente ascendeu a Professor Catedrático da Faculdade de Letras dessa Universidade, por proposta do Prof. Doutor Carlos Simões Ventura: deu-se ele, porém, ao cuidado de se apresentar a concurso com uma dissertação dedicada a *O Adjectivo em Terêncio: Estudo Métrico-estilístico Comparativo*¹⁶. Estava-se em 1954; três anos depois, iniciava-se na Universidade Portuguesa um novo currículo universitário, com estrutura inovadora: não conhecemos qualquer comentário que A. Costa Ramalho lhe tenha feito, mas o catedrático, que tivera experiência da universidade britânica, deve ter sabido interpretá-lo da melhor maneira, apercebendo-se dos méritos que lhe estavam subjacentes: nós, que entrámos nele ao começar a segunda geração que o frequentou e que conhecemos

¹⁵ Cf. *Humanitas*, 4, 1952.

¹⁶ Cf. *Humanitas*, 7, 1954.

outros currículos que lhe sucederam, pudemos experimentar-lhe os méritos que até hoje se tornaram insuperáveis pelos efeitos na formação que induzia.

Entrado na docência universitária, apesar de a especialidade de doutoramento ter sido em Literatura grega, Costa Ramalho viu ser-lhe entregue a cátedra de Literatura latina; acomodou-se às decisões do grupo disciplinar, mas, por escolha pessoal, tomou a seu cuidado um pequeno curso sobre *Teatro Grego Antigo*, com o qual atendia a interesses paralelos que despontavam em professores do ensino secundário.

Entretanto, o seu nome aparecia já em revistas de especialidade, como *Emerita*, de Madrid, onde publica “A questão do género gramatical em grego” (*ibid.*, p. 18, 1950).

Em 1954, assume as funções de director da revista *Humanitas*, sucedendo a Francisco Rebelo Gonçalves que fora seu fundador, em 1947, e se transferira para Lisboa (onde fundaria a revista *Euphrosyne*). Nas páginas da revista cuja direcção assegura, Costa Ramalho começara por publicar “Notas métricas a Aristófanes” (*ibid.*, p. 4, 1952); nas novas funções, assina artigos de natureza vária, tais como “Um epigrama em Latim, imitado por vários”, em 1954; seriam frequentes as vezes em que assinava ora artigos de especialidade ora notas de comentário, umas vezes de circunstância (para assinalar datas comemorativas), outras vezes, de crítica para apontar desacertos que importava corrigir, outras vezes ainda, para ajuizar de obras que se impunham pela doutrina que traziam a público.

Nessa revista se estreia também em novos rumos, o do Humanismo português. Com isso traz à liça problemas atinentes à identidade da cultura portuguesa com a sua componente clássica. Os títulos chamam à atenção de imediato pela aproximação de tempos afastados ou pelas personalidades evocadas: “Menéndez Pelayo e André Falcão de Resende”, (*ibid.*, 1958); ampliava, aí, perspectivas que antes expusera em *Biblos* sob o título de “Breves notas sobre André Falcão de Resende: a edição de Coimbra e os manuscritos”.



Seriam os primeiros passos de muitos outros que serviriam para novos rumos no estudo do Humanismo português, incentivado, aliás, pela ignorância das línguas clássicas que, por vezes, ressaltavam da leitura de documentos.¹⁷ O caminho podia, aliás, considerar-se aberto anteriormente por Francisco Rebelo Gonçalves, já em 1933, em comentários à edição das *Éclogas* de Henrique Caiado e em notícia sobre a edição do *Elogio* do rei D. Manuel I por J. F. Poggio Florentino; havia campos a desbravar para quem quisesse aventurar-se pelos textos latinos do Renascimento português¹⁸: os passos foram seguidos, alguns anos depois, por Luís de Matos que, desde 1937, em Paris, recolhia documentação sobre a participação dos intelectuais portugueses na construção do Humanismo Renascentista europeu.¹⁹

¹⁷ Ainda era aluno de licenciatura e já A. Costa Ramalho apontava uma leitura incorrecta no registo de um mapa, interpretando o registo *hic moritur* como referindo-se a uma montanha e não ao navegador (1940–1941); o professor aceitou a correcção e deu dela conhecimento em artigo que subscreveu, fazendo reverter para o seu autor a emenda apontada e o entendimento a dar-lhe. Cf. Américo da Costa Ramalho, “Sobre a data da morte de Diogo Cão”, *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, 2, 1943, 319–321 (= *Portugal em África*, 2.ª Série, 4/22, 1947, 241–242).

¹⁸ Cf. Francisco Rebelo Gonçalves, rec. Wilfred P. Mustard, *The Eclogues of Henrique Caiado*, in *Revista da Fac. Letras (de Lisboa)*, 1, 1933, 305–314; agora, cf. Francisco Rebelo Gonçalves, *Obra Completa*, I, Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1995, pp.531–540; Id., rec. Joh. Francisci Poggii Florentini, *Emmanuelis Portugalliae regis elogium*, *ibid.*, 541–545. Nem tudo pode ser refeito segundo desejos expressos: entretanto, entrava por esse caminho Tomás da Rosa, *As Éclogas de Henrique Caiado*, *Humanitas*, 5–6, 1953–1954, pp.1–84; ao mesmo autor e à sua poesia bucólica voltaria, com outra preparação e outros meios, Claude Balavoine, *Les Églogues d’Henrique Caiado ou l’Humanisme Portugais à la conquête de la poésie néo-latine*, Paris, Fond. Calouste Gulbenkian, 1983; ao tempo, não se imaginava que nos nossos Fundos se guardassem manuscritos renascentistas gregos: tivemos ocasião de nos ocupar dos que pertenceram à Biblioteca da Cartuxa de Évora por entrega feita pelo arcebispo D. Teodósio de Bragança; cf. Aires A. Nascimento, “Para um «Corpus Codicum Graecorum Hispanorum»: uma pequena colecção olissiponense”, *Euphrosyne*, 36, 2008, 349–365 (antes, Jornada de Estudos celebrada, em 2007–05–24, no CEC/Fac. Letras de Lisboa, no ano comemorativo do 50.º aniversário da revista *Euphrosyne* e simultaneamente do 40.º aniversário do próprio Centro de Estudos Clássicos).

¹⁹ Cf. José Manuel Subtil, “In Memoriam Luís de Matos”, *Anuário UAL*, 1996, pp.313–321: o Doutor Luís de Matos licenciou-se em Filologia Clássica na Faculdade de Letras de Lisboa em 1935; depois de ter concluído o Exame de Estado no Liceu Normal de Lisboa (1938), e de entrar como professor agregado no Liceu Camões, foi nomeado leitor de Língua e Literatura Portuguesas pelo Instituto de Alta Cultura (Outubro de 1939) em Bordéus, onde iniciou um longo período de investigação para doutoramento na Universidade de Paris-Sorbonne, entre 1939–1959. Na Sorbonne, Luís de Matos foi colega, entre outros, de Léopold Senghor, mais tarde Presidente do Senegal, e de Robert Schilling, mais tarde professor na Universidade de Estrasburgo, ao lado de quem participámos nas reuniões do Bureau International pour la Didactique des Langues Classiques (BIDLA). Alguns dos instrumentos que serviram para investigação do Prof. Luís de Matos (leitor de microfilmes) e os livros últimos da sua biblioteca foram entregues pela família, Dr.ª Maria Helena Ferro de Matos, ao Centro de Estudos Clássicos da FLUL, ao tempo em que desempenhei funções de director.

Por confissão do próprio Costa Ramalho, a decisão dele em dedicar-se ao estudo do Renascimento português começa em 1952, após o doutoramento em reunião e concordância com o Prof. Simões Ventura, responsável pela secção de estudos clássicos da Universidade de Coimbra e firma-se essa decisão em visita de despedida ao Prof. Joaquim de Carvalho, no Hospital onde recebia assistência, mas toma rumo indefectível no regresso de Nova Iorque, em 1962²⁰.

4. Foi longo o percurso do Humanismo em Portugal. Mais do que um momento ou um tempo, havemos de considerar que o Humanismo português é um processo cultural de refontalização e de redescoberta, de renovação e de integração mais abrangente em cultura comum, de identificações e de reajustamentos sobre figuras e textos recebidos: nas origens, supõe um tempo de longos contactos; estes prolongam-se até criar habitação a linguagens e aprendizados de técnicas de composição em contacto com outras gentes que se adiantaram em modos e formas literárias²¹.

Ficou também sujeito a controvérsia a história do Humanismo português; pode ele ser considerado em função das tentativas de imitação dos antigos, mas melhor será tomá-lo a partir de traços próprios que sejam de maturidade em linguagens e textos de retorno, mediante diálogo com interlocutores que lhes prestem atenção e lhes proporcionem ensejo de dizer o que andava nas leituras de muitos até se tornar traço peculiar de alguns como expressão própria.

É longo o percurso e não vale a pena encurtá-lo para nos aproximarmos de outros, mas também não há que esquecer os passos andados para nos acercarmos deles.

Impressiona certamente o encontro do príncipe D. Duarte com Alfonso de Cartagena que, vindo a Lisboa para negociar a paz com Castela, em 1422, ficava ao corrente do que andava por mais longe através de individualidades que regressavam à sua terra de origem: eram jovens

²⁰ Cf. Costa Ramalho, A., *Para a história do humanismo em Portugal*, vol. 5, Coimbra, IU, 2013, pp.319-341.

²¹ Briesemeister, D., *Sur les origines de la poésie néolatine au Portugal dans la première moitié du XVI^e siècle*, Rocznik Humanistyczny, 26. 3, 1978, pp. 45-61.

juristas, destinados às administrações civis ou eclesiásticas²²; na sequência disso, julgamos nós caberem as viagens do Infante das Sete Partidas, em périplo que terá abrangido vários países da Europa e deu origem à célebre “Carta de Bruges” que, por certo, não representava apenas um programa pessoal²³.

Em outra fronteira havemos de colocar a novidade reconhecida por Erasmo de Roterdão que, no seu *Ciceronianus*, adverte na personalidade de Henrique Caiado (Hermicus — epíteto criado pelo próprio por referência a Hermes, divindade da ciência escondida²⁴; na geração imediata, ao mesmo Erasmo quiseram ouvir homens como André de Resende e Damião de Góis ou Jorge Coelho; só alguns tomaram voos sozinhos, em autonomia que os obrigou a enfrentar adversidades: terá sido o que aconteceu com Diogo Pires (Flávio Eborense), cujos dísticos



²² Em data relativamente alta, por 1427, terão esses alunos recebido influências de Leonardo Bruni Aretino: se é que assim podemos deduzir que o conhecimento havido por parte de Alonso de Cartagena relativamente à tradução latina da *Ética* de Aristóteles se fez em Lisboa, durante a missão diplomática que aquela personalidade levou a cabo na corte portuguesa; tal é pelo menos a conjectura, verosímil, lançada por Jeremy N. H. Lawrance, “Humanism in the Iberian Peninsula”, in Anthony Goodman & Angus MacKay (eds.), *The Impact of Humanism on Western Europe*, Londres, Longman, 1990, p. 223; interpreta Lawrance que o informador de Cartagena foi “messer Valascho Roderighi chantore Bragarensi di Portogallo”, referido num documento florentino de 11 de Março de 1425, em que está mencionado o “libraio Petro Betucci”. Não se podia ignorar que, desde há muito, os juristas portugueses demandavam Bolonha, para frequentarem os seus claustros e se integravam no ambiente que encontravam; de há muito eram acolhidos no Colégio de São Clemente de Bolonha (em patrocínio garantido pela catedral de Lisboa, nos tempos do cardeal Albornoz, em dias ainda de Petrarca); desde cedo tinha havido bolseiros fora do país, apoiados por reis, desde D. Sancho I: sabemos hoje que houve figuras bem conhecidas que nunca teriam ganho espaço e audiência no estrangeiro se aí não tivessem chegado com formação que os irmanava em cultura (Santo António de Lisboa não era o único, pois o papa João XXI — Pedro Hispano — não teria subido ao trono pontifício se não tivesse levado bagagem adquirida na Escola de Lisboa e se não estivesse apoiado por curiosidade científica que lhe granjearia prestígio em Roma).

²³ Entre 1425 e 1428 o Infante D. Pedro viaja pela Europa, visitando os grandes centros europeus (Londres, Bruges, Veneza, Roma) e países (Alemanha, Hungria e Espanha); não são conhecidas os motivos que levou o Infante para fora do País, nem as razões do seu casamento tardio e apressado (depois de conhecido o casamento de D. Duarte, apesar de procuração reiterada por 1416 a seus juristas) mas, como regente do reino, chama a Portugal humanistas italianos, como Mateus Pisano, para servirem à educação do futuro rei D. Afonso V.

²⁴ Cf. *Contemporaries of Erasmus: A Biographical Register of the Renaissance and Reformation*, ed. Peter G. Bietenholz, Thomas Brian Deutscher, Toronto, Un. Press, 1995.

elegíacos agradaram ao francês Guillaume Budé e granjearam as atenções do castelhano Juan Luis Vives.²⁵

Os tempos andaram vagarosos, mas os resultados falavam por si: a renovação passou pela confiança que, com a protecção de autoridades como Angelo Poliziano e Filipe Beroaldo, foi ganhando consistência e solidez; a essas autoridades vemo-las convocadas por Henrique Caiado ao lado de Cataldo Sículo para canto amebeu, a que Cataldo acode sob o nome de Tirrhus, na écloga 3: a confiança vai tão longe que Caiado (“Musarum captus amore”, segundo expressão de André de Resende), se torna poeta de renome; ao lado dele andavam outras individualidades, como Diogo Pacheco, sob a forma de Paquequus, que se encarrega de, por duas vezes, tomar a palavra em *oratio* de embaixada ao Papa.²⁶

Confiando nos seus dotes poéticos, Caiado ousa passar-se dos estudos jurídicos para as Letras (“quod leguleius esse noluerim”) e lançar-se na poesia (“ego radices altius egi”). Entretanto, ansiava-se pelo canto maior da épica, augurada já por Poliziano²⁷: efectivamente, a águia precisa de ganhar asas firmes que aguarde as alturas e nem André de Resende se aventurou a tanto, apesar de no poema *Vincentius* haver passos que entram na epopeia camoniana²⁸.

5. Para quem se dava a esta lição, era evidente que não havia que colocar a data de chegada do Humanismo renascentista português na fronteira da entrada de Mestre André de Gouveia, em 1548, ano em que ele assume as funções de Geral do Colégio das Artes em Coimbra e se fez acompanhar pelos

²⁵ Costa Ramalho, A., Didacus Pyrrhus Lusitanus, poeta e humanista, *Humanitas*, 35-36, 1983-1984, 1-17; André, C. A., *Um judeu no desterro: Diogo Pires e a memória de Portugal*, Coimbra, INIC, 1992.

²⁶ Cf. *Orações de Obediência dos Reis de Portugal aos Sumos Pontífices*. [fac-símiles dos séculos XV a XVII]: trad. de Miguel Pinto de Meneses, organização, introdução e notas bibliográficas por Martin de Albuquerque, Lisboa, Inapa, 1988. Sobre as embaixadas ao Papa e préstimos de Diogo Pacheco, primeiro em 3 de Junho de 1505 e depois em 20 de Março de 1514, a primeira ao Papa Júlio II e a segunda ao Papa Leão X, cf. A. Cardoso, “Embaixada portuguesa ao Papa Júlio II”, *Humanística e Teologia*, 14, 1993, 215-222.

²⁷ Razões não desvendadas levaram o rei D. João II a postergar a “adamantina vox” que lhe propunha o humanista; talvez porque ainda não se realizara o que só no tempo do seu sucessor teria pleno cumprimento...

²⁸ Cf. André de Resende, *Vicentius Leuita et Martyr*, reprod. fac-símile da ed. de Luís Rodrigues, Lisboa, 1545, com introdução de José V. de Pina Martins, Braga, Barbosa & Xavier, 1981.

professores bordaleses²⁹. Aliás, os estrangeiros, que aceitaram deslocar-se para a nação portuguesa a título de ensino, não chegavam às nossas terras como se elas fossem um qualquer recanto da incógnita Beócia.

O percurso fora lento e tornava-se necessário desvendar como a Escola portuguesa se foi libertando de rotinas passadas: fora ela remissa e confiara demasiado nas regras de Alexandre de Villadei, que recomendava a *laica lingua* para o ensino das línguas³⁰.

Devemos a A. Costa Ramalho ter apontado datas e ter divisado rumos de trabalho. Apercebeu-se ele da fronteira representada por *Artis Grammaticae Rudimenta... bonis ex auctoribus... excerpta ad Lusitaniae barbarie expulsionem* assinada por Stephanus Miles (Estêvão Cavaleiro).³¹ A data de edição, 1493, leva-nos a associar o acontecimento (se o foi não teve celebração) a gestas de alargamento de fronteiras para o Novo Mundo; sintomaticamente, a portada da 2.^a edição ostentava já uma esfera armilar com a flâmula e o ceptro empunhado por uma figura emblemática, onde se lê a divisa manuelina: DEO. IN. COELO, TIBI. AVTEM. IN. MVNDO.: tal divisa é bem significativa de ambições imperiais e de sonhos que se celebravam como empresa colectiva.³²

Em plano de linguagem, e em notória provocação a Nebrija, Estêvão Cavaleiro ousa reivindicar pureza e elegância para a expressão nova do discurso, até porque a língua portuguesa testemunhava proximidades com a

²⁹ Brandão, M., *A Inquisição e os Professores do Colégio das Artes*, I, Coimbra, 1948.

³⁰ Villadei, A., *El Doctrinal: una gramática latina del Renacimiento del s. XII*, introducción, traducción y notas de Marco A. Gutiérrez Galindo, Madrid, Akal, 1993; Nascimento, A.A., "Pueris laica lingua reserabit: As 'Reglas pera enformarmos os menynos en latin'", *Euphrosyne*, 17, 1989, 209-232.

³¹ A obra impressa em 1493 em Salamanca; era provocatório o título, tanto mais quanto fazia lembrar as apóstrofes de António de Nebrija contra os antigos gramáticos: *Precepta ad prima grammatices/rudimenta perutili prosodiae tractatulo bonis ex auctoribus per Stephanum Militem ad magistratum in artibus iniciatum excer/pta ad Lusitaniae barbariei expulsionem foeliciter incipit*. Saída a público em data próxima do Compendio de Nebrija, podemos estar certos de que, ou por dependência ou por rivalidade, pretendia anunciar uma nova idade — que era gramatical e era também cultural por substituição de Manuais ultrapassados, como era o de Pastrana ou mesmo o de Pedro Rombo, o de António Martins ou o de João Vaz. Cf. Américo da Costa Ramalho, "Um capítulo da história do humanismo em Portugal: o "prologus" de Estêvão Cavaleiro", *Humanitas*, 29-30, 1977-1978, 51-72 (reimpr., in A. Costa Ramalho, *Estudos sobre o século xvi*, Lisboa, IN-CM, 1983, pp. 125-152.

³² Cf. Manuel Saraiva Barreto, "Sobre os 'Artis Grammaticae Praecepta' de Estêvão Cavaleiro", *Humanitas*, 33-34, 1982, 31-43: o citado investigador, a quem acompanhámos já na tarde da vida dele, não teve tempo para formalizar tudo quanto sabia e dele esperávamos; acolheu os primeiros resultados dessa investigação A. Costa Ramalho que lhe deu acolhimento na revista por ele dirigida.

antiga língua latina — andava ela escondida e só lhe faltava denodo retórico para torná-la modelo que competisse com a antiga expressão latina: “Vrbs ergo Roma iam penes nos est, cum viris Romanis iam nobis colloquium est” acentuava Cavaleiro, antecipando-se a Camões que na pátria língua entendia ver encoberta a antiga latina (cf. *Lus.* I, 33: até Vénus, “Com pouca corrupção crê que é a Latina”).

Era tardio o ressurgimento, por comparação com outras nações, mas, como reconhecia o talento de André de Resende em Elogio dedicado a Erasmo: “Secula consurgunt meliora. Reuixit Apollo/uictaque barbaries cadit. En resispicere, quamuis/sero, datum est”³³ (“Tempos melhores estão a surgir: Apolo voltou à vida e cai a barbárie de vencida. Ei-los, recobra os sentidos, embora tarde, já chegou [uma nova idade]”).



6. Costa Ramalho tornou-se voz desse ressurgimento. Em toque crítico, trouxe à memória coletiva os inícios da integração da palavra “humanista” na língua portuguesa, registada na voz de D. Jorge de Lencastre, aluno de Cataldo Parísio Sículo. Eram já tempos adiantados, em finais do século xv, mas o estudioso sabia que, antes de a palavra ter sido balbuciada entre nós, fora ela sentida nos valores que lhe estavam subjacentes e fora servida por alguém que viera de longe³⁴.

Dedicando os seus tempos de vida universitária a ensinar as Letras Clássicas na Universidade, porfiou Costa Ramalho em dar a conhecer os traços da tradição dessas Letras na cultura portuguesa e descobrir os traços dos antigos em emulações, nem sempre declaradas (chamemos-lhes imitações) na longa duração da cultura portuguesa.

Uma figura se lhe afigurou emblemática na mudança de ciclo: a personalidade de Cataldo Parísio Sículo. Não era figura cimeira que trouxesse

³³ Resende, A., *Desiderii Erasmi Roterodami Encomium*, vv. 389-391, ed. Odette Sauvage, *L'Itinéraire Érasmien d'André de Resende*, Paris, Fondation Cal. Gulbenkian, 1971, p.70.

³⁴ Cf. Costa Ramalho, A., *Camões no seu tempo e no nosso*, Coimbra, Almedina, 1992, pp. 63-66.

credenciais do estrangeiro; no entanto, como mestre de ensino, afigurava-se ele a Costa Ramalho figura instrumental que abrisse clareiras numa nação precisada de pedagogos para assegurar a formação de novas gerações e levar toda uma nação a reconhecer-se na estruturação da sua cultura. Não era que não se houvesse tomado já lição dos clássicos em tempos anteriores com a generosa e ínclita geração de Avis, que se empenhara em empreendimentos que se avantajavam às gestas dos antigos, como salientava Poggio Bracciolini em carta ao Infante D. Henrique. D. João II preparou expedições dos Descobrimentos e escolheu como chanceler do reino um jurista João Teixeira formado nas escolas italianas; aproveitou-se depois dos filhos desse chanceler para se dar a conhecer a humanistas como Angelo Poliziano: na sequência de Poggio, esse humanista entendia a grandeza das gestas, que Portugal ia levando a cabo, como superiores à dos Antigos; por isso se ofereceu ao soberano para cantar essa gesta e nobilitá-la em língua de novo timbre e maior solenidade; não se entusiasmou o soberano, talvez porque as aventuras marítimas não estavam ainda concluídas e porque a tarefa historiográfica havia sido confiada a outros, nomeadamente a Justo Balbino (que devia traduzir para latim a redacção de crónicas em português) depois de ter sido confiada a Mateus Pisano (que viera para educar o príncipe D. Afonso V, em tempos de seu tio o Infante D. Pedro e tomara a seu cuidado a redacção do *De bello Septensi*).

O desafio ficava lançado, mas o canto épico só viria mais tarde, quando o dramatismo da exaustão das forças trouxesse reacção à ufanía de se terem atravessado os mares, com os seus perigos, e se tornar urgente dar voz os sofrimentos de todos os que se sentiam tocados pela gesta que elevava a Nação inteira a comparar-se com os feitos dos Antigos e a reconhecer o heroísmo de todos quantos se tinham entregado ao esforço dos mares.³⁵

³⁵ Devemos a Luís de Matos, *L'Expansion Portugaise dans la Littérature latine de la Renaissance*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1991: o estudo fora apresentado como tese principal de doutoramento na Sorbonne em 1959; como tese complementar apresentou *Correspondance latine de Damião de Góes*, que ficou no espólio daquele investigador, sem nunca ter visto a luz da publicação: merece ser lembrada, embora tenhamos de Amadeu Torres, Noese e crise na epistolografia latina goisiana. I: As cartas latinas de Damião de Góis. *Introdução, texto crítico e versão*; II: *Damião de Góis na mundividência do Renascimento. Análise ideológica, estético-linguística, apêndice diplomático*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, 1982.

Pertence a Costa Ramalho ter entendido à melhor parte que se podiam divisar os novos tempos na figura de Cataldo, humanista que fora indicado ao rei D. João II por Fernando Coutinho, clérigo que passara por Itália e entendera as qualidades de um candidato para tomar as funções de escrivão da correspondência régia em latim e se lhe teria dado a conhecer pelo seu interesse na acção africana do rei de Portugal em Marrocos; esse conhecimento tivera como recomendação maior o trabalho em poema, intitulado *Arcitinge*, em que trabalhava Cataldo e em que cantava a conquista de Arzila e de Tânger: o trabalho não passou despercebido, mas devia ser amadurecido com o tempo. Entretanto, o poder real impunha os seus veredictos e às mãos do poder político, haviam de sucumbir figuras como a de D. Garcia de Meneses (bispo de Évora, que, pela sua facúndia oratória, deixara surpreendidos os cardeais que assistiram à sua *oratio* em Roma, em 31 de Agosto de 1481, oração pronunciada perante o Papa Sixto IV). Na entrega a tarefas novas singravam outras personalidades, como Vasco Fernandes de Lucena ou o chanceler-mor do reino, João Teixeira, ou João Rodrigues de Sá de Meneses, alcaide do Porto, e outros poetas do *Cancioneiro Geral*: alternavam “negotia” da corte e da guerra com o “otium” do espírito: representavam entre nós a sombra fagueira do *humanismo cívico*, sem requintes nas letras, mas não inteiramente hóspedes nelas.

Nem todas essas figuras concederam muita atenção a um adventício que chegava do estrangeiro e não trazia outras recomendações senão a da confiança do rei: embora lhe seguissem as lições só alguns lhe prestaram submissão. Para Itália continuavam a seguir estudantes, como Martinho de Figueiredo (Martinus Ioannes Ioannis de Figueredo) que ganhou matrícula em Florença, como estudante de Direito (“studens iuris”) no ano académico de 1489–90³⁶; companheiros dele foram os filhos de João Teixeira, chanceler de D. João II, Álvaro, Luís e Tristão, que passaram também pelas aulas de Poliziano (o último faleceria aos 19 anos de idade); por Florença passou também Aires Barbosa, sobrinho de Martinho de Figueiredo, que em Salamanca foi o primeiro professor de grego³⁷.

³⁶ Cf. Tarrío, A. M., “O Commentum de Martinho de Figueiredo (1529) e as lições plinianas de Poliziano”, in *Os clássicos no tempo: Plínio, o Velho, e o Humanismo português*, coord. Aires A. Nascimento, Actas do Congresso, Lisboa, 2013, pp. 95-110.

³⁷ Cf. Tarrío, A. M., *Leitores dos Clássicos: Portugal e Itália — Geografia do primeiro Humanismo em Portugal*, Lisboa, BNP, 2015.

Cataldo, que nem sempre manteve boas relações com os homens de Letras, viria a desempenhar não apenas as funções de *scriptor ab epistolis* mas também a de preceptor do filho bastardo de D. João II, D. Jorge de Lencastre, a quem a madrastra, Dona Leonor, apesar do acolhimento inicial que lhe dispensara, não via com bons olhos na corte, logo que percebeu que o rei imaginara que ele ambicionava substituir o príncipe D. Afonso que perecera em trágico acidente.

Assumindo, porém, novas tarefas, Cataldo ganhava créditos como mestre de uma geração em que entraram aristocratas como Pedro de Meneses, conde de Alcoutim, e sua irmã Dona Leonor de Noronha ou João Rodrigues de Sá de Meneses bem como Henrique Caiado, entre outros que ficaram no anonimato.³⁸

7. Tinha Costa Ramalho boa consciência do que significava contribuir para a formação cultural através de uma nova Escola (e de uma “nova gramática”), estruturada e fundamentada nos valores humanísticos: bateu-se por eles e fez ouvir a sua voz na Assembleia da República quando nela entrou como deputado, na legislatura de 1957-1962; por três vezes, interpelou a governação sobre medidas em áreas de cultura e de política educativa: possuía autoridade universitária para discutir caminhos de educação às novas gerações e tentou captar apoios, mas cansou-se-lhe a voz — que não o espírito. Interrompendo o mandato político, a pedido do IAC, aceitou o honroso convite para “Visiting Professor of Portuguese”, na New York University (1959-1962) e aí compreendeu a necessidade de firmar investigação sobre a dimensão clássica da cultura portuguesa.



³⁸ De Cataldo recebeu ensino o citado João Rodrigo de Sá de Meneses, que, à data da morte do rei D. João II, tinha apenas 11 anos de idade e uma década depois já andava pelos campos de África com a pena, de “gentil poesia” numa das mãos e noutra a espada, mas ousava estabelecer vínculos genealógicos com os Colonna romanos, traço que Sá de Miranda virá também a reclamar.

Fecundo foi o diálogo estabelecido com personalidades de cultura, como Ernesto Guerra da Cal, que vemos em diálogo ameno no gabinete de Costa Ramalho, em Dezembro de 1959. De Oxford tinha A. Costa Ramalho guardado a gravidade certa de erudito e após as celebrações do Infante D. Henrique, senhor dos mares e patrono da Universidade portuguesa, foi também atraído a perscrutar a realidade nacional e a descobrir nela os traços da cultura clássica greco-latina como fonte de inspiração para abertura à unidade europeia.

Poderia Costa Ramalho parecer tão granítico como as pedras rudes das suas terras (que são também as minhas, entre as faldas da Lapa e as da Marofa): facto é que também o granito se molda e, quando polido, ganha brilho inconfundível; os caminhos da ciência davam-lhe a ele a cor que mais o aproximavam dos mármoreos da Acrópole e lhe conferiam a cintilação que se projectava na παιδεία de disciplinas que ia ministrando.

Por generosidade própria e gosto pelo trabalho, não fugiu à rudeza dos *Trabalhos e Dias* penosos que sabia combinar com a doçura e beleza das Musas que habitam os cimos dos montes. Quando solicitado, não se eximiu a aceitar as tarefas da gestão universitária e não se negava a discutir os problemas da formação, convicto de que esta era boa se moldada sobre o Humanismo, que sobressaíra na Grécia Antiga e deixara lições inscritas na Roma dos vários tempos da Europa que nós formamos.

8. Muito deve a cultura portuguesa a A. Costa Ramalho. Ficou na memória de gerações de estudantes que passaram pelos liceus com destino à vida universitária nos vários domínios das Humanidades, da Filologia (Clássica, Românica, Germânica), à Filosofia e à História.³⁹ Por esse motivo me veio a primeira vez à mão o seu nome, quando me propus para exame de 7.º ano, no Liceu Alexandre Herculano, em 1963.

Ao longo do meu percurso universitário, haveria eu de o conhecer pessoalmente e de lhe pedir conselhos que se impunham no meu próprio

³⁹ O seu nome vinha à cabeça da Antologia de Textos denominada *Tὰ τῶν Ἑλλήνων*, de que foi co-autor, ao lado Abílio Alves Bonito Perfeito, conhecido professor do ensino secundário e reitor do Liceu Nacional da Guarda, Coimbra, Atlântida, 1960.

percurso universitário, mesmo depois de eu ter enveredado por especialização que pouco tinha a ver directamente com a sua: vim, entretanto, a reconhecer que, ainda como aluno de licenciatura, se ocupara ele da catalogação dos manuscritos da Biblioteca da Universidade de Coimbra.⁴⁰

Por dever de ofício, muitas vezes haveria eu de bater à porta de A. Costa Ramalho para lhe pedir conselhos e trocar impressões com ele sobre manuscritos de tradição portuguesa, pois tornara-se-me previsível que, mesmo que ele se dispensasse de inscrever o seu nome na lauda que os bibliotecários insistiam que se preenchesse, era praticamente certo que, ao contrário dos códices medievais, ele tinha presentes todos aqueles que pertencessem a período renascentista. Certa vez, em que a matéria era mais delicada, pois punha em causa investigador estrangeiro que ousava ir além dos seus dotes pessoais e enveredara por caminhos ínvios, recorri ao Prof. Costa Ramalho para lhe sujeitar as minhas dúvidas e apreensões: apressou-se ele a confidenciar-me que também ele mantinha reservas quanto a hipóteses trazidas a público pelo investigador em causa; vinha ele da Austrália e deixava espantados gentes locais com algumas propostas sobre figuras da nossa cultura renascentista, entre as quais André de Resende ou Pedro Nunes (nomes sonantes, por certo); algumas propostas eram provocatórias e obrigaram-me a refazer elogio que tinha



⁴⁰ *Catálogo dos Manuscritos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra relativos à Antiguidade Clássica*, 1945; o trabalho saía com o nome de Américo da Costa Ramalho e João de Castro Nunes, mas mais que uma vez ouvi ao primeiro reivindicar o trabalho por inteiro; o segundo, aliás, haveria de se interessar por questões arqueológicas. Confrontava-me eu com um tipo de catalogação elementar e era-me pedido algo mais: vinha eu de escola que avançara por questões codicológicas (no caso, de Lovaina, Centre d'Études Médiévales, onde nos seminários respectivos atendera às lições de Léopold Genicot, Albert D'Haenens, Hubert Silvestre, Robert Bultot, Paul Tombeur que me abriam o passo até François Masai e ao seu grupo de Scriptorium); perante a falta sentida no ensino universitário, enveredara eu pelo estudo de manuscritos com exigências ditadas pela nova disciplina Codicológica e sabia como era urgente proceder a enquadramento cultural para entender o que os testemunhos materiais representavam e discuti-los em descrições directas e aprofundadas, a partir sobretudo de um Fundo que era o de Alcobaça, continuado pelo de Santa Cruz de Coimbra e eventualmente com os restos de colecções da Biblioteca da Ajuda ou da Biblioteca de Évora.

esboçado, depois de ter concluído pelo logro em que o investigador caíra⁴¹... O tema teria de nos ocupar (a mim e a Costa Ramalho) em celebração de centenário de André de Resende e fomos obrigados a intervir para desfazermos equívocos gerados sobre autoria de poema que, em consulta a materiais da Biblioteca de Évora, eu próprio identificara como sendo de Cipriano Soares e não de André de Resende⁴²; a discussão envolvia Jean-Claude Margolin que equivocadamente aceitara atribuição feita a André de Resende: tive de o confrontar com a documentação que eu consultara e que era inequívoca por remeter para o citado jesuíta, professor de retórica em Évora nas primeiras gerações; a prova era tão dirimente que o orador se dispunha a retirar a sua comunicação, o que não fez porque lhe sugerimos uma retractatio honrosa, que ele aceitou⁴³.

9. Foi incansável Costa Ramalho em desfazer equívocos de leituras incorrectas. Por trabalho intelectual e por empenho cultural (às vezes em defesa de textos mal lidos e mal geridos dentro do próprio círculo universitário — não se coíbia de o revelar ainda que à puridade), ganhou ele afeição pelos Humanistas de Quinhentos e aplicou-se a eles para os dar a conhecer com mão de Mestre, fosse na expressão latina, e mesmo grega, fosse em tradução vernácula, que foi trabalhando para que a lição fosse mais translúcida e acessível.

Mais que tudo, afeioou-se Costa Ramalho à figura de Cataldo, figura que, como já acentuámos, o rei convidara para secretário de correspondência epistolar em latim, mas a quem entregou depois o encargo de preceptor para seu filho natural (que tivera de Ana de Mendonça e ele tinha aos cuidados de Dona Joana, sua irmã, retirada no claustro da cidade de Aveiro): pensaria o rei, talvez, prepará-lo para futuras funções eclesiásticas, mas os planos

⁴¹ Para o efeito, leia-se o que escrevemos em Aires A. Nascimento, "Suum cuique: Pedro Nunes, autor de poemas latinos? – Os direitos de Cipriano Soares", *Euphrosyne*, 30, 2002, 395-406.

⁴² Cf. *Euphrosyne*, 28, 2000, 441-443, recensão crítica que fizemos a John R. C. Martyn, *André de Resende's Poemata Latina/Latin Poems*. Translated, edited with an introduction, Lewiston, N.Y., The Edwin Mellen Press, 1998. 549 pp. ISBN 0-7734-8331-4.

⁴³ Margolin, J-C., "À l'approche de la mort: Rhétorique et émotion dans deux poèmes attribués à André de Resende (texte suivi d'une rétractation partielle)", in *Cataldo & André de Resende — Actas do Congresso Internacional do Humanismo Português (Outubro, 2000)*, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2002, pp. 55-67.

alteraram-se quando o príncipe-herdeiro, D. Afonso, foi vítima de queda de cavalo nas areias do Tejo.

Acomodou-se Cataldo às tarefas que lhe foram designadas pelo rei e quis expressar a Dona Joana como lhe agradava a colaboração; a princesa, apercebendo-se de algo mais escondido, imediatamente o advertiu da falta de cortesia e cortou cerce qualquer idílio: o humanista apresentou-lhe desculpas alegando que houvera equívoco da parte da princesa, interpretando sem razão os versos que lhe dirigira; segundo Costa Ramalho, tais versos eram tomados de Petrarca e a cortesia permitira ao humanista revelar os gostos que cultivava, mas a princesa, que era culta e tinha o sentido da vida religiosa que escolhera, reagiu aos sentimentos de Cataldo e manifestou-lhe total desagrado com os versos escolhidos pelo poeta (*flacidas Musas* — tão lisonjeiras as Musas quanto mimosas) e exigiu-lhe respeito e pô-lo a distância: ele alegou enfeites de estilo que nada mais queriam significar senão deferência e respeito pela princesa (entrevista como “*donna angelicata*”); entendeu ela que a manifestação não excluía “*che piace agli occhi, sí che dentro al cuore/lascia un desío della cosa piacente*”, como vem na *Vita Nuova* de Dante); o homem de letras acabou por se render à reprimenda da Princesa, “mulher bela, inteligente e culta, uma senhora do Renascimento, com a preparação intelectual da elite da Europa do seu tempo”, como assinala Costa Ramalho.

D. Jorge, pois, ficou aos cuidados de Cataldo; perdeu as graças da rainha Dona Leonor e cedo se terá convencido de que, sendo filho ilegítimo, não lhe estava reservado lugar de relevo na corte, mas acomodou-se a um programa rígido que Cataldo lhe traçou e no qual o rei não interveio. A experiência redundou em bons resultados pelo acolhimento que coube ao humanista em casas de fidalgos, como demonstrou A. Costa Ramalho.

Era um tempo novo, dizemo-lo hoje com a ufanía a que nos fomos habituando para celebrar o que se tornou construção e motivo de glória. Tradicionalmente, continuava-se a aceitar que a fronteira se situava na instalação da vida universitária, por transferência joanina da Universidade para Coimbra com a intenção de acolher novos saberes a desenvolver por homens ilustrados que André de Gouveia escolhera. A. Costa Ramalho ousou contrariar essa opinião, pronunciando-se em favor de antecipação, porque assim as fontes, lidas em registo filológico, lho davam a entender.

Não encontrou unanimidade, porém: José V. de Pina Martins, porfiou em reclamar para Sá de Miranda a chegada a Portugal das novidades colhidas em Itália com “as formas” do *dolce stil nuovo* por “Musas delicadas altamente”⁴⁴; as divergências assentavam em modelos culturais de ponto de partida e outros reconheciam que a nova idade se antecipava em tempos anteriores: Luís de Sousa Rebelo apontou a fronteira em tempos da geração de Avis, nos quais se reconhecem traços de um *humanismo cívico* percebidos já na “nova idade”, indicada por Fernão Lopes⁴⁵.

Ao indicar Cataldo Sículo como ponto de partida, A. Costa Ramalho tinha consciência de que apontava para um estrangeiro que não agradara a todos e não enfeitava o seu eleito; com limpidez, escreve a respeito dele: “Cataldo não foi grande humanista à escala europeia, mas foi útil a Portugal, com a sua vocação de professor, compenetrado da grandeza do seu papel num país a desbravar intelectualmente, mais do que se tivesse sido professor desde-nhoso e distante em terras bárbaras”. Não chegava ele a zona inóspita; dura sim, porque habituada a enfrentar os perigos do mar: nem era zona sáfara, nunca trabalhada, mas requeria cuidados; afinal, há tempos que são de sementeira e há outros que são de colheita; nem a todos se tornam evidentes sobretudo a quem entra a meio do caminho: a maturidade é conquista de esforço, que no caso era estudo.

Cataldo Sículo fazia parte de uma constelação que o incluía e dele derivava. Não era ele personalidade que pudesse ombrear com a de outros no Renascimento europeu, mas talvez a sua medianez e a protecção dada pelo rei D. João II, que o chamara à corte, por conselho de Fernando Coutinho: serviu para dar alguma afoiteza à geração de homens que começavam a surdir de outras tarefas para apostarem na aliança das armas e da toga e se entregarem ao culto das Letras.

À figura histórica de Cataldo e à cultura humanista portuguesa dedicou Costa Ramalho estudos que se prolongaram por décadas e descortinou

⁴⁴ Pina Martins, J. V., *Cultura italiana*, Lisboa, Verbo, 1971, pp. 123-150 (“O dolce stil nuovo, o Petrarquismo e alguns dos seus poetas”).

⁴⁵ Cf. Nascimento, A. A., “Nova idade, nova linguagem: entre afecto e alto desempenho de funções, a palavra no séc. XV português”, in *Humanismo para o nosso tempo — Homenagem a Luís de Sousa Rebelo*, ed. Aires A. Nascimento et alii, Lisboa, 2004, pp. 33-57.

figuras que fizeram parte do seu círculo: Pedro de Meneses, futuro Marquês de Vila-Real, Dona Leonor de Noronha, Maria Freire de Andrade, João Rodrigues de Sá de Meneses, entre outros, como D. Teodósio de Bragança (que aprendeu grego com Diogo Sigeio, toledano, pai de Luísa Sigeia).

Escreveu Costa Ramalho que Cataldo de forma alguma podia ombrear com a excepcionalidade do *saber* e da *poesia* de outros, muito menos de André de Resende, mas ultrapassou quanto se poderia esperar de quem fora chamado para *orator* e *scriptor ab epistolis* do rei e desempenhou as funções de pedagogo da corte. Discretamente, sem alardes, porque não lhe competia agitar os tempos que corriam fagueiros, entendeu ele o que estava em causa no desígnio de uma nação que se abria à aventura do mar; com fidelidade à sua nova pátria, firmado na *dignitas litterarum*; secundou dois soberanos com o seu saber: não era personalidade que deslumbrasse, mas teve o condão de se manter na mediania que lhe convinha e no serviço que lhe fora destinado; procurou mecenas, porque tinha de viver com aquilo que deles recebia, e serviu a cultura que ajudou a construir — semeando o que outros tomavam em mãos.

10. Não se limitou A. Costa Ramalho a erguer o seu eleito nem abandonaria alguma vez a lição genuína dos textos gregos e latinos (de onde retirou saborosas e pertinentes lições que fez circular por lídimas traduções de obras de Aristófanes e de Luciano). Fixou-se sobretudo em apontar figuras emblemáticas do Renascimento português, mas não lhe faltaram outros méritos.

Foi ele também académico dedicado à instituição universitária. A experiência ganha no serviço público levou-o a aceitar o cargo de Director da Faculdade de Letras de Coimbra, primeiro, como interino (de 21 de Janeiro de 1969 a 30 de Abril de 1969) e, depois, como Director efectivo desde 17 de Março de 1970 até 1974. Foram tempos atribulados com dificuldades maiores para a própria instituição, mas não lhe faltou ânimo para servir o que lhe parecia ser o bem da comunidade universitária.

Experimentou também os dissabores dessa dedicação. No seguimento da revolução de Abril de 1974, por conselho de pessoa que vivia a seu lado, acedeu a afastar-se das funções que tinha na sua universidade de origem e rumou a outras paragens.

Longe, porém, de se despedir do ensino e da investigação, aceitou convite para ensinar em instituições brasileiras e aí honrou as Humanidades clássicas, alargando o raio de acção e continuando a dedicar-se a figuras do Humanismo Português: foi assim que se ocupou do jesuíta José Anchieta, que também passou por Coimbra e escreveu um poema latino sobre as gestas de Mem de Sá⁴⁶; nesses estudos soube rodear-se de investigadores que encontrou no Brasil e aí formou também colaboradores para se dedicarem a fontes latinas de interesse para a cultura luso-brasileira: nesse trabalho teve como colaborador de mérito Sebastião Tavares de Pinho⁴⁷, que pertenceu também a esta Academia das Ciências e foi roubado ao nosso convívio quando regressava de homenagem a José V. de Pina Martins: por circunstâncias, que, por inesperadas, nos deixaram atónitos e nos impediram de chorarmos a sua partida, faltou-lhe o elogio que lhe era devido e já estava programado quando tomasse posse da cadeira académica que lhe estava destinada, a de Raul Miguel Rosado Fernandes.



⁴⁶ Anchieta, J., *De rebus gestis Mendi de Saa*, introd., versão e notas do Pe. Armando Cardoso, S.J., São Paulo, Loyola, 1986; Américo da Costa Ramalho, "O Inferno no De Gestis Mendi de Saa de Anchieta", in *Para a História do Humanismo em Portugal*, I, Coimbra, INIC, 1988, pp. 163-171.

⁴⁷ Pinho, S. T., "Comparações homéricas no poema De Gestis Mendi de Saa de José de Anchieta" in *Humanismo em Portugal. Estudos II*, Lisboa, INCM, 2006, pp. 195-206.

Voltando à Academia das Ciências de Lisboa, Américo da Costa Ramalho a ela continuou a dar o seu saber ao longo de anos. Com razão lhe prestamos homenagem tão comovida como sincera e respeitosa por tudo quanto lhe devemos.

Pessoalmente, guardo por ele a veneração de sempre: institucionalmente, prezo-me de o ter como patrono na cadeira que fui chamado a honrar ao suceder-lhe na cadeira n.º 17 da Classe de Letras.

Não era efusivo e exuberante, mas, na *grauitas* que sabia cultivar, sobretudo depois de experimentar as desilusões da vida, guardava a *dignitas* e era acolhedor e convival; não era de aço e não escondia os afectos: a estes moderava-os pela *caritas* que se estendia em *φιλία* universitária, que não conhecia limites e acolhia afavelmente quem a ele recorria.

Gratos lhe estamos por tudo quanto nos deu e pelos saberes com que nos instruiu: dele recebi livros com dedicatória simples, mas calorosa e motivada; teve também a amabilidade de me pedir os livros que saíram das minhas mãos e julgou interessarem-lhe: nas suas mãos coloquei o *Livro de Arautos* e lhe dediquei ensaio que retomava o tema do encontro de Portugal com a Europa ao tempo do Humanismo a renascer⁴⁸; por último, entreguei-lhe em mão o estudo da obra que mais directamente teria a ver com humanista português, Damião de Góis, com o seu elogio de Lisboa: ele agradeceu-mo efusivamente⁴⁹. Começava a faltar-lhe a vista para a leitura, mas mantinha viva a memória que lhe trazia a recordação de tempos vividos em comum.

Recordemos, enfim, a entrada de Américo da Costa Ramalho na Academia das Ciências de Lisboa: eram ainda anos primaveris, pois contava apenas 34 anos de idade, mas vinha já coroadado de méritos. Continuou a somá-los, em dedicação intensa, tanto quanto lhe consentiam as distâncias à sua Escola de origem onde ministrava o seu ensino: nas vindas regulares à Academia

⁴⁸ Nascimento, A. A., *Livro de Arautos* (De Ministerio Armorum - Manchester, John Rylands Library, ms 28) — edição crítica, tradução e estudo codicológico e literário, Lisboa, 1977; Idem, “No limiar do Humanismo Renascentista: Um texto para a Europa no início do séc. XV — O livro de Arautos”, in *Miscelânea de Estudos em honra do Prof. A. Costa Ramalho*, Coimbra, 1992, 165-177. Do primeiro demos edição revista e alargada em Aires A. Nascimento, *Voltados à Europa: Livro de Arautos — De ministerio armorum*, Lisboa, Academia Portuguesa da História – Emel, 2017.

⁴⁹ Nascimento, A. A., Damião de Góis, *Elogio da cidade de Lisboa — Urbis Olisiponis Descriptio*, Lisboa, Guimarães Editores, 2002 (introdução de Ilídio do Amaral).

das Ciências de Lisboa mantinha o fervor de sempre, com investigação contínua que dava a conhecer aos seus confrades.

Vergo-me perante a sua figura, na gravidade dos anos que foi acumulando e que nos merecia extrema confiança. Ao longo dos tempos vamo-nos albergando no manto que nos deitam aqueles que vão à nossa frente. Honro-me em seguir os passos por ele traçados e estou grato à Academia das Ciências de Lisboa por me ter designado para o lugar que nela ocupou Américo da Costa Ramalho.

(SAUDAÇÃO AO RECIPIENDÁRIO PROFERIDA NA SESSÃO PLENÁRIA PÚBLICA
DE 28 DE DEZEMBRO DE 2015)